

O *pedaço*: o Alto do Louvor sob a perspectiva de suas usuárias

Arícia Bezerra Monteiro

Bacharel em Ciências Sociais (UERN)

Cyntia Carolina Beserra Brasileiro

Professora Doutora em Ciências Sociais e Política (UERN)

Terezinha Cabral de Albuquerque Neta Barros

Professora Doutora em Ciências Sociais e Política (UERN)

RESUMO

O presente artigo objetiva discutir a categoria *pedaço* a partir da percepção das usuárias do Alto do Louvor, na cidade de Mossoró/RN, historicamente referenciado como espaço para a realização de programa e consumo de drogas. Optou-se como procedimento metodológico pelo método qualitativo, que consistiu na pesquisa de campo, observação participante e realização de entrevistas. Como resultados, identificamos algumas formas de organização hierárquica, estabelecida para a manutenção da ordem no lugar, de modo que as atividades nele desenvolvidas continuem funcionando. Constatamos que as representações das usuárias apresentam o *pedaço* como um “um lugar bom e que permite a socialização”, pois, nele se negocia e se compartilha os mais diversos interesses.

Palavras-chave: Antropologia social; Alto do Louvor; Pedaço; Prostituição; Representações.

The piece: Alto do Louvor from the perspective of its users

ABSTRACT

This article aims to discuss the piece category from the perception of users of Alto do Louvor, in the city of Mossoró/RN, historically referred to as a space for carrying out a program and taking drugs. The qualitative method was chosen as the methodological procedure, which consisted of field research, participant observation and interviews. As a result, we identified some forms of hierarchical organization, established to maintain order in place, so that the activities developed in it continue to function. We found that the users' representations present the piece as a “a good place that allows socialization”, as it negotiates and shares the most diverse interests.

Keywords: Social anthropology; Alto do Louvor; Piece; Prostitution; Representations.

La pieza: Alto do Louvor desde la perspectiva de sus usuarios

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir la categoría de pieza desde la percepción de los usuarios de Alto do Louvor, en la ciudad de Mossoró / RN, históricamente referida como un espacio para realizar un programa y consumir drogas. Se eligió como procedimiento metodológico el método cualitativo, que consistió en investigación de campo, observación participante y entrevistas. Como resultado, identificamos algunas formas de organización jerárquica, establecidas para mantener el orden en el lugar, para que las actividades desarrolladas en él sigan funcionando. Descubrimos que las representaciones de los usuarios presentan la pieza como un “buen lugar que permite la socialización”, ya que negocia y comparte los intereses más diversos.

Palabras clave: Antropología social; Alto do Louvor; Pieza; Prostitución; Representaciones.

Introdução

Este artigo é fruto de uma pesquisa de campo realizada no Alto do Louvor, em Mossoró, cidade do estado do Rio Grande do Norte. Partimos da seguinte problemática: quais representações são elaboradas pelas mulheres que praticam a prostituição no Alto do Louvor? O objetivo desse exercício foi analisar as percepções concebidas pelas mulheres que frequentam o Alto do Louvor a partir do relato de suas vivências no lugar.

O Alto do Louvor faz parte do Bairro Bom Jardim, conhecido pelas suas noites de boemia entre os anos de 1950 e 1960 e por abranger os ambientes de diversão da cidade para um público que era em sua maioria de trabalhadores. Atualmente, ainda frequentam esse espaço pessoas de várias partes da cidade, que não necessariamente se conhecem ou têm relação de parentesco, trabalho etc. Entretanto, a localidade mantém como característica as mais diversas formas de socialização (BARRETO, 2011).

O local possui na sua construção histórica elementos considerados marginais, e por isso é marcado por preconceitos e estigmas (GOFFMAN, 2004). Entre esses elementos, a prostituição aparece enquanto atividade predominante no local, ocorrendo por meio da troca de favores sexuais realizados após um acordo de pagamento pela execução do serviço (BENTO, 2017). O cenário atual diversifica muito, fisicamente, do de outrora, no entanto as mulheres continuam a fazer uso do lugar para o desenvolvimento de suas práticas no ambiente da rua, a exemplo das mulheres que participam desta pesquisa.

Diante do exposto, delineamos a categoria analítica *pedaço* como representativa do bairro. O *pedaço* diz respeito a um determinado espaço onde são desenvolvidas interações e sociabilidades que atravessam as esferas do ambiente doméstico, pode ter contornos geográficos e institucionais, mas é, antes de tudo, um ambiente de trocas simbólicas (MAGNANI, 1996). Logo, a categoria é utilizada para apresentar o local onde a pesquisa é desenvolvida, junto às mulheres interlocutoras que são as ocupantes do espaço. A prática da prostituição é o que demarca o eixo de discussão, apesar de ser tratada em temporalidades distintas.

O procedimento metodológico faz uma abordagem qualitativa. Partimos de um recorte bibliográfico que enfatizou o tema da prostituição em jornais locais (como O Mossoroense), periódicos, dissertações e teses, ao buscar um aprofundamento que nos oportunizou compreender melhor a prática da prostituição, os aspectos que giram em torno dela e de como as mulheres em questão pensam suas vivências no Alto do Louvor (GOLDEMBERG, 2002).

As falas das interlocutoras foram essenciais para captar o que não é visto e o que não é dito, auxiliando no processo de compreensão e de interpretação das ações desenvolvidas no local (OLIVEIRA, 1996). As entrevistas narrativas foram embasadas num roteiro semiestruturado, e somente três mulheres frequentadoras da rua Nilo Peçanha, que praticam a prostituição e a venda de drogas, consentiram com a gravação, cientes do uso do gravador de voz e da garantia do anonimato. Os nomes presentes no texto foram adotados pelas interlocutoras e mantidos nas narrativas, com a devida autorização.

A categoria território, explorada por Perlongher (2008) auxiliou-nos como recurso analítico e metodológico. Embora a análise da obra referida trate da prostituição masculina, a sugestão dos mapas e reflexões sobre a região moral são de grande valia na nossa análise, o território é o lugar da apropriação simbólica e afetiva.

A análise das narrativas orais dessas mulheres permitiu ouvir as vozes das interlocutoras e adentrar em suas intimidades, possibilitando reconhecer as ressonâncias que são mais amplas do que as vozes dos discursos oficiais. A forma oral da comunicação ressignifica o tempo, ajudando-nos a melhor compreender como se deu a construção histórica das vivências e as transformações da realidade (MUYLAERT et al, 2014).

Considerando os preconceitos que permeiam o Alto do Louvor, o trabalho se justifica pela necessidade do debate acerca da prostituição, da legalização desta como profissão, atentando para as experiências dessas mulheres em espaços tidos como marginais, mas que são antes de tudo lugares simbólicos. Chama-nos a atenção o fato de que essas mulheres, produtoras de vivências, têm seus direitos relegados e que elas não são beneficiadas por políticas públicas.

O texto se dispõe em três seções: a primeira traz o Alto do Louvor, mediante a categoria *pedaço*, apresentando sua configuração histórica e simbólica a partir da literatura e de jornais, num contínuo com os dias atuais; a segunda trata sobre a prostituição no recorte socioantropológico, os desafios das práticas e o tabu que permeia sobre ela e, por fim, delineamos a etnografia com as narrativas das mulheres que fazem seu trabalho nas ruas, enfatizando seus relatos e organização social.

O cenário: o pedaço e o estigma

A Rua Nilo Peçanha, localizada no Alto do Louvor, no bairro Bom Jardim, em Mossoró, foi, em meados dos anos 1950 e 1960, uma rua de pedregulhos e com pouca luminosidade, composta por bares, bordéis, casas de shows, como também por lanchonetes e vendedores ambulantes que ali vendiam as suas mercadorias. A existência desses ambientes e a grande movimentação na rua fizeram-na conhecida como um ponto de encontro e de prostituição na cidade (BARRETO, 2011).

O lugar, antes chamado *Art Nouveau*, foi fundado no ano de 1928 por um cidadão chamado Eduardo Santos, detentor de um estabelecimento onde se comercializava lanches cujo nome era *Art Nouveau* — nome francês que significa Arte Nova. Com o passar do tempo, e com a criação de casas que abrigavam as mulheres consideradas livres, foram se instalando no ambiente bordéis que nos anos de 1950 e 1960 foram acolhendo a prostituição mais ligada ao luxo. Brito (2010) relata sobre:

Naquele tempo a diversão principal aqui (Mossoró) era se fazer uma perninha pelos bares da cidade, tomar umas e outras e depois **subir**. Vamos subir? Todo mundo já sabia que o convite estava feito para se ir à zona — o ambiente noturno, alegre e único da cidade. Ali no **Art Nouveau** que a gente popularmente falando dizia Alto do Louvor, *se encontrava de tudo para saciar os desejos da carne: música, jogo de baralho, roletas, bebidas e mulheres. Sobretudo mulheres...* (BRITO, 2010, p.51).

O nome do espaço antes chamado de *Art Nouveau* foi aporuguesado após a venda da lanchonete, tornando-se um bar agora conhecido como Alto do Louvor. Acredita-se que a transformação do estabelecimento em bar foi o que abriu as portas para que o espaço ficasse conhecido como ambiente meretrício (BARRETO, 2011).

O *pedaço* em questão abrigava em sua totalidade quatorze espaços, entre eles: boates, bares e bordéis, onde as pessoas se divertiam e muitas mulheres comercializavam seus corpos na prática da prostituição. Barreto (2011) observa que existiam diferenciações entre alto e baixo meretrício. O alto, por causa de sua associação ao status de glamour, era constituído pelos bordéis: *Copacabana, Crhistal, O Casarão, Coimbra, Cassino Las Vegas, Ideal, Casablanca, Arpege, Pernambucana, Esplanada*. Já os baixos meretrícios eram o *Caí Pedaço* e o *Rasga*. Estes lugares possuíam diferentes proprietários e, às vezes, alguns deles gerenciavam mais de um desses estabelecimentos.

Ilustração 01-Fotografia Bar Copacabana no Alto do Louvor



Fonte: O Mossoroense. 2017.

A diferença entre os chamados *cabarés* e as casas de família se dava por meio da iluminação existente em cada propriedade. As casas que portavam uma iluminação da cor verde indicavam ali funcionar um *cabaré*, já as que possuíam uma luz vermelha se resguardavam as casas de família, traçando o tempo inteiro o limiar de sistemas de oposição entre o moral e o não moral.

A expansão de bordéis e boates, como também da prostituição, se deu pela sua expressividade econômica, já que noites de boemia, de álcool e sexo era o que agregava pessoas nestes locais, gerando lucro. E o que contribuiu bastante neste expressivo ganho foi a presença ferroviária, que transportava os trabalhadores das salineiras dos portos de Areia Branca e Grossos. A chegada deles melhorou economicamente não só o comércio em Mossoró, mas as atividades provenientes da boemia. Muitos eram os bordéis, mas a concorrência não era alta, devido à rotatividade e circulação de pessoas (BARRETO, 2011).

Por ter se tornado um ambiente conhecido pelas práticas que eram realizadas nos bordéis e casas de shows, criou-se uma imagem que perdura até os dias atuais. Isso fica evidente quando percebemos a relação do Alto do Louvor com a prostituição, muitas vezes presente nos noticiários de Mossoró, a exemplo das publicações do *Jornal Mossoroense*, “buscava ligar à Rua Nilo Peçanha à zona, cuja denominação se justificava pela presença de bordéis e prostitutas.” (BARRETO, 2011, p.36).

Aliada a estas práticas, a rua também se tornou referência de aglomeração e incidências de brigas e discussões, resultando por vezes na morte de alguém. O preconceito que rondava o Alto, conhecido pela prostituição e pela violência, tornou ele zona limítrofe a não ser atravessada ou frequentada por moças de família, “pode-se dizer, então, que as normas de identidade engendram tanto desvios como conformidade” (GOFFMAN, 2004, p.110).

Essas delimitações espaciais foram modificadas, já que o cenário de bares, bordéis e casas de show não mais existe, possibilitando a abertura de novas estruturas que hoje fazem parte da Rua Nilo Peçanha. A decadência dos cabarés ocorreu devido ao efeito da mecanização das salinas que transferiu os trabalhadores ferroviários, ocasionando a queda de lucros, já que muitos desses trabalhadores frequentavam o lugar: “Alguns historiadores até atribuem ao fim dos cabarés e casas de espetáculos da cidade, que estavam concentrados no Alto do Louvor numa relação direta com a mecanização das salinas” (ROCHA, 2005, p.72).

Nos termos de Magnani (2003), o *Cenário* se caracteriza como um conjunto de elementos que não devem ser somente físicos, mas um produto de práticas sociais que estão em constante diálogo ao longo do tempo. Desse modo, a prostituição é uma prática que se desvela neste contínuo no espaço do Alto do Louvor, mesmo com as mudanças ocorridas na estrutura do espaço, antes realizada nos cabarés e agora na rua.

O Alto do Louvor, e especificamente a rua Nilo Peçanha, continua a constituir a *mancha* (MAGNANI, 2003) isto é, o ponto de referência para a prática de determinadas atividades, sustentando uma rede de sociabilidades. Entretanto, em vez de ser formado por essa *mancha* dos bares e boates de outrora, hoje é composto por casas de famílias e prédios ligados a instituições religiosas: um centro espírita, uma filial da Assembleia de Deus e uma igreja católica.

Ilustração 2 – Fotografias da elevação do Alto do Louvor/ Condomínio Maria Vigília/ Assembleia de Deus Alto dos Louvores



Fonte: As autoras. 2019.

Atualmente ainda existem estruturas de prédios que funcionavam e produziam a noite do Alto do Louvor, mas que permanecem só em seus velhos formatos e na história da cidade, já que não mais funcionam. Nas palavras de Rocha e Eckert ([2003] 2015, p. 01) a “cidade é estrutura e relações sociais, economia e mercado; é política, estética e poesia. A cidade é igualmente tensão, anonimato, indiferença, desprezo, agonia, crise e violência”.

Essa manutenção das estruturas físicas contribui para fortalecer a permanência de um imagético e representações do lugar como estigmatizado, nas palavras de Barreto (2011, p.79) “o discurso jornalístico sobre o espaço onde se aglutinava os bordéis em Mossoró é emblemático para percebermos como as representações criadas a partir desses discursos forjaram para o Alto do Louvor, uma espacialidade maldita, o associando e identificando-o como um mau lugar”.

O Casarão é um exemplo, bordel conhecido durante as noitadas no Alto do Louvor, hoje ainda funciona como motel, onde as mulheres da rua vão para realizar os seus programas. De maneira que podemos dizer que aparece na *mancha* como este ponto de referência das práticas.

Ilustração 3 – Fotografia do Casarão no Alto do Louvor



Fonte: As autoras. 2019.

São estas marcas que engendram narrativas de exclusão, e assim tanto o *pedaço* possui uma imagem negativa quanto as pessoas que o frequentam. Pudemos depreender isso nas conversas com as mulheres, quando elas reforçam que é assim desde os tempos em que o Alto do Louvor era visto como um lugar de boemia. Faz todo sentido a afirmação de Goffman (2004), quando nos orienta que o *estigma* aparece enquanto um

atributo depreciativo, uma rotulação que coloca como inferior e mal visto uma pessoa ou um lugar.

Hoje, o espaço é dividido pelas mulheres e pelos outros usuários, sejam eles moradores ou donos de estabelecimentos. Dividem com elas as vivências, mas estabelecem uma delimitação simbólica junto ao imaginário criado sobre o Alto do Louvor:

Um aspecto interessante a ser observado na Rua Nilo Peçanha consiste na presença de casas de família, uma vez que o Bairro Bom Jardim e a própria rua não estavam tão separados geograficamente das outras artérias como Av. Alberto Maranhão e a Av. Rio Branco. Contudo, essa relativa proximidade física estava longe de aproximar as prostitutas da sociedade ou visibilizar uma aceitação por parte desta para aceitação da existência de bordeis em Mossoró. Esses espaços eram evitados no duplo sentido: o das práticas e o da enunciação, pois não era prudente que mulheres que desejassem preservar sua honra transitassem pelo Alto do Louvor. (BARRETO, 2011, p. 93).

Sobre esse limite, Hannerz (1997) observa que as fronteiras são lugares de continuidades e discontinuidades. Existe um fluxo e uma distribuição plural de significados, mas nem todos são compartilhados. Neste sentido, falamos de um limite cultural, mesmo a aproximação geográfica do Alto do Louvor com outras ruas conhecidas da cidade e de casas de família não resulta numa aceitação sobre as práticas realizadas no espaço.

As práticas: a prostituição e o tabu do sexo

No Brasil, a prática da prostituição não se configura como crime e nem é ilegal, salvo quando a mulher esteja sendo aliciada. De acordo como o Art. 230 do Código Penal, configura-se crime “tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça” (BRASIL, 2009b). Portanto, não se caracteriza como crime se ela estiver comercializando o seu corpo por conta própria, mas é crime se a comercialização estiver ocorrendo por meio de terceiros que obterão lucro.

De modo que ilegais também são as casas que oportunizam cadeias de exploração sexual. Como disposto no Art. 229 do Código Penal: “Manter, por conta própria ou de terceiros, estabelecimento em que ocorra exploração sexual, haja ou não intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou gerente” (BRASIL, 2009a). Os espaços que

ambientam a venda de sexo podem ser penalizados com multas e prisão de seus responsáveis.

Bento (2017) trabalha a perspectiva das mulheres prostitutas sobre a regulamentação da profissão e das lutas realizadas. A autora relaciona as percepções dessas mulheres com os sistemas capitalista, patriarcal e a noção de que a negação dos direitos facilita a violência para com elas. A definição dessa autora contribui para este exercício por compartilhar uma nova perspectiva sobre o tema, quando diz ser a prostituição um

[...] fenômeno social extremamente complexo atravessado por profundos traços da sociedade com múltiplas derivações, incluindo economia, trabalho, sexualidade, família, relações patriarcais, entre outras. Ademais, a prostituição feminina é algo que mexe/provoca elementos da esfera mais íntima do ser humano. (BENTO, 2017, p. 53).

A literatura socioantropológica – Giddens (2005), Vasconcelos e Santos (2011), Santos e Oliveira (2016) e Bento (2017) – traz diversas acepções sobre a prostituição. Todavia, existe uma convergência nestas perspectivas quando afirmam ser a prostituição uma atividade que apresenta a concessão de favores sexuais em troca de ganhos, sobretudo monetário.

Giddens (2005) faz um apontamento importante sobre a prostituição moderna. Segundo o autor, na modernidade, as mulheres e seus clientes não se conhecem, não estabelecem vínculos pessoais, o que não acontecia noutros tempos. Nas áreas urbanas de grande e acelerado porte, as pessoas não constituem vínculos sólidos, e a relação das mulheres com seus clientes, dessa forma, acontece por meio do anonimato, para manter em segurança a verdadeira identidade de ambos.

A perspectiva de Giddens relaciona-se com a de Vasconcelos e Santos (2011, p.2), que estudam a prática da prostituição de acordo com o cotidiano das mulheres e descrevem-na sob um ponto de vista que não envolve a afetividade: “a prostituição pode ser definida como a troca consciente de favores sexuais por interesses não sentimentais ou afetivos. Esses interesses podem ser dos mais diversos, porém o mais habitual é o dinheiro”.

Outro aspecto convergente dessas análises trata a prostituição como uma prática que se modifica com os avanços da modernidade, refazendo-se para que, de acordo com as novas estruturas e valores, possam acompanhar as mudanças nos contextos sociais, nos

costumes e nas relações sociais. Sobretudo, considerando o estigma que ainda permeia a prática, pondera sobre a instauração de novas relações e cuidado pessoal.

Neste sentido, Santos e Oliveira (2016) retomam a discussão da prostituição como forma de dominação masculina e a necessidade de garantir direito às prostitutas, enfatizando a estigmatização e a afronta à dignidade humana quando submetidas aos diversos tipos de marginalização.

A prostituição como exploração não faz com que julguemos as mulheres prostituídas como indignas. Essas pessoas são despercebidas como sujeitos de direitos e são consideradas culpadas de qualquer violência contra si, além de não serem destinatárias de políticas públicas no que tange acesso à saúde, à justiça, à segurança, ao direito do trabalho e, principalmente, à dignidade humana (SANTOS E OLIVEIRA, 2016, p. 1).

A prostituição é uma prática que enfrenta o que chamamos de *tabu*, ou seja, revela “o caráter impuro de pessoas e objetos; natureza da proibição; a santidade/purificação. Os tabus podem ser naturais provenientes de uma força misteriosa (Mana, inerente a uma pessoa ou coisa) ou transmitidos indiretamente, adquiridos, transferidos e intermediados” (PONTES, 2004, p.7). A proibição imposta pelo tabu está para as relações sociais como uma forma de controle, para que não existam grandes conflitos na sociedade. O cumprimento dessas regras é um construtor ético-moral para controlar os comportamentos entre os sujeitos.

Isto posto, podemos afirmar que até mesmo o sexo é um elemento social, em que cada cultura estabelece as suas formas de desenvolvimento, o que é apropriado no ato da prática e o que não é, assim como e quando deve acontecer. Então, a prostituição se classifica aqui como um *tabu* porque não segue as regras acordadas nos pactos coletivos, cria as suas próprias condutas, é uma condição transgressora, assim como as mulheres que a exercem. E isso se deve ao fato de que:

[...] a prostituição faz desse corpo misticado sua profissão, causando impacto em como a prostituta é entendida e como ela se coloca diante desse contexto. Ao mesmo tempo que é desqualificada popularmente, é explorada e alimentada por esta mesma sociedade (ABREU; RIBEIRO, 2019, p. 1).

Ao transgredir as expectativas sociais, que agem como controladoras do corpo, principalmente do feminino, e que delimitam o papel da mulher na sociedade, as

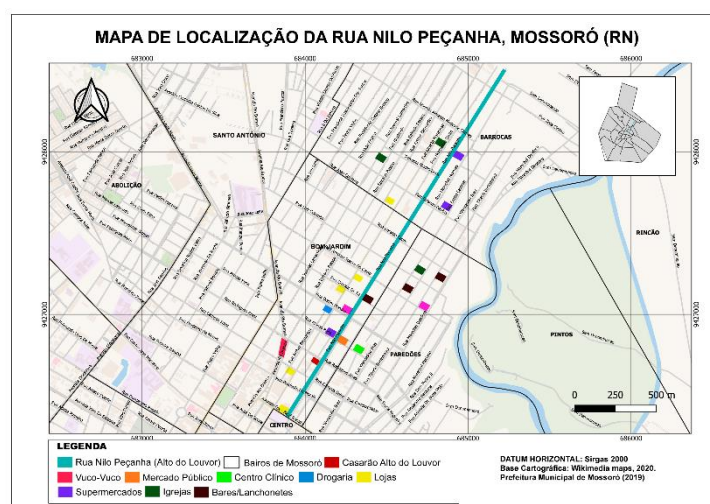
prostitutas, ao não corresponderem a esses atributos, usam os seus corpos da forma como querem, sem inibir a sua sexualidade, utilizando-se dele como forma de ganhar dinheiro. Mas ao mesmo tempo em que essas mulheres se tornam desviantes por não seguirem as regras, sendo com isso marginalizadas, elas são procuradas, pela mesma sociedade que as condena.

As personagens: mulheres do pedaço – um recorte etnográfico das percepções sobre a prostituição no Alto do Louvor

O Alto do Louvor está em um bairro localizado bem próximo ao centro da cidade, a dez minutos de distância, e que é cruzado por duas avenidas movimentadas, a Av. Alberto Maranhão e a Av. Prudente de Moraes, conhecidas por abranger uma boa parte do comércio da cidade. A Prostituição neste espaço ocorre à luz do dia, o *pedaço* não é frequentado à noite.

Todavia, este acontecimento não se dá somente no espaço da pesquisa. Bem no centro da cidade, onde ocorre grande parte de sua movimentação econômica, pode-se encontrar o Hotel Caraúbas, que fica na Rua Meira e Sá e é frequentado majoritariamente por homens trabalhadores e por senhores de idade, lugar onde a prostituição também é uma prática corriqueira e, diferente do Alto do Louvor, funciona durante o dia e se estende até a noite.

Ilustração 4 – Mapa de localização da rua Nilo Peçanha, Mossoró (RN)



Fonte: As autoras. 2020.

Observamos durante alguns dias como se deu a movimentação no lugar e constatamos o que acontecia durante toda a semana, começando por volta das 7h30 até

as 17h30. Diariamente podia se encontrar as mulheres de manhã ou à tarde consumindo drogas, conversando ou marcando algum programa, estavam sempre permeando o *pedaço*.

Os dias mais fracos de movimentação eram os finais de semana, quando vimos que por vezes poucas delas estavam presentes. A não presença delas também se verificou quando ocorria batida policial, isso fazia com que elas se dispersassem da área, como ordenado pelos policiais. No período em que observamos, as batidas não foram frequentes, quando aconteceram foram por denúncia ou por ronda. O comércio de drogas não pode deixar de ser mencionado, uma vez que configura sempre nas ações destas mulheres e está na expectativa de ganhos, junto à prática da prostituição.

Entre os horários das 10h00 até 15h00 foi verificado o maior fluxo no lugar: transitam na rua os funcionários da Companhia de Águas e Esgotos (CAERN), os moradores, os usuários de drogas, pessoas em busca de programa e alcoolizados que chegam para conversar com as mulheres. Este é um campo transitório, não se tem uma regularidade das mesmas mulheres diariamente. Entretanto, duas delas sempre permeiam o espaço, fazendo o fornecimento das drogas para quem vai ao local, e uma delas faz o controle do território. Notou-se também que embora algumas delas passem tempos sem aparecer na rua, quando retornam, as que continuavam presentes as recebem da mesma forma e sem diferenciações na relação. O fluxo é o elemento deste cotidiano que traz a dimensão do processo nas relações existentes com estas mulheres (HANNERZ, 1997).

Ocorreram, em algumas situações, atritos das mulheres com os seus clientes e também entre elas, por diferentes razões. E alguns desses motivos são: dinheiro, cigarro, isqueiro, cachimbo, por dividirem muitas vezes esses utensílios são eles que acabam causando os desentendimentos entre elas. Conflitos que são, muitas vezes, atenuados, como veremos nas narrativas.

Com efeito, o campo de nossa pesquisa foi composto por cinco mulheres. Destas, conseguimos fazer entrevistas com três, já que duas se mostraram mais reticentes ao diálogo. Logo, não houve uma classificação ou critérios desenhados por nós para a realização das entrevistas, considerando que contávamos com a disponibilidade das interlocutoras. A primeira tentativa de entrevista ocorreu no mês de abril de 2019, pela manhã, com uma das mulheres usuárias do espaço, ela veio ao nosso encontro dando bom dia e perguntando como estávamos e, logo em seguida, ela nos contou que encontrou uma mulher que vende água a 1 real, e logo respondemos de forma interessada a fim de prolongar a conversa.

Havia somente nós duas sentadas na calçada, enquanto conversávamos, quando chegou um homem em uma moto que se demonstrava interessado em contratar um programa. Quando ele parou a moto, antes que ele falasse alguma coisa, ela logo disse: *Eu não faço programa, seu Zé*. O homem desceu a rua, deu a volta e novamente, quando ele estava chegando perto de onde estávamos sentadas, ela disse a ele que não fazia programa, e ele perguntou se fazíamos. Nesse momento a entrevista já tinha acabado, quando em sua volta para casa o homem passa e nos fala: *me desculpe, mas quando a gente vê uma pessoa nova e diferente já queremos, porque pensamos que faz programa*. Respondemos que estava tudo bem e seguimos nosso caminho.

Perlongher (2008), em suas análises sobre a prostituição masculina, traz a territorialidade como aspecto de análise que envolve categorias de representações sexuais demarcadas dentro de redes. O código território atribui classificações e valores a corpos para atividade do sexo. Neste caso, a área é associada ao território da promiscuidade, ao olhar para as mulheres o transeunte logo as tipifica.

Achamos relevante trazer esse acontecimento para se ter uma ideia da realidade de como a prática ainda é característica da rua e, também, pelo motivo de que só o fato de alguém estar ao lado de uma prostituta e no local onde comumente são marcados os programas, as pessoas associam logo à figura de prostituta. O que nos leva a perceber como a imagem criada sobre o Alto do Louvor será associada a qualquer mulher que circule na rua, mesmo que não seja uma residente ou garota que vende serviços.

E estas mulheres? O que elas têm a dizer? É relevante fazer a problematização e a comparação dessas duas diferentes concepções: de um lado a imprensa e a população que observa cotidianamente a movimentação e, do outro, as mulheres que ocupam este espaço. Conseguimos entrevistar a mulher que entre elas é considerada a *chefona*. E ela se autodenomina Maria de Lourdes, que não é o seu nome verdadeiro, assim se repetiu com as demais interlocutoras. Tem 38 anos e é natural de Mossoró. Mora no bairro Bom Jardim, onde fica localizado o *Alto do Louvor*. Mora em uma casa com a mãe e os irmãos. Maria não trabalha e nem estuda, mas já estudou, como ela disse na entrevista: “Sei ler, não sou analfabeta”, mas não chegou a concluir os estudos, cursou até alguns anos do ensino fundamental. E disse que não trabalha, mas que já trabalhou. Ela nem sempre morou em Mossoró, já morou no Rio de Janeiro e quando voltou para Mossoró passou a frequentar o *Alto do Louvor*. Revelando uma adesão temporária às normas, condutas e expectativas sociais.

Maria nos contou que, desde os 12 anos de idade é usuária desse espaço. Como relata: “Sempre fui muito danada com essas coisas de vender pedra, essas coisas assim, sabe? Dos cabarés, desde os onze, doze anos, aí fiquei por aqui”. Maria de Lourdes também passou em lugares fronteiriços à região, tais como: Aracati e Icapuí, Canoa Quebrada e sempre vendendo as suas mercadorias (drogas). A família, segundo ela, a mãe e os irmãos, também sempre foram envolvidos com *essas coisas*. Por frequentar o Alto do Louvor há mais tempo que as outras meninas com quem ela divide o espaço, e pela família dela também ser envolvida com as mesmas práticas, é ela a considerada pelas outras garotas como a *chefona*, a *Rainha do Tráfico*. Mas ela não se considera nessa posição.

Dessa forma, Maria conta que frequentava o Alto do Louvor desde a época dos cabarés e boates e, que nesse tempo já vendia a sua mercadoria, não só neles, mas em outros bairros como Santo Antônio e Paredões. E ela diz: “Por aqui conheço tudo”. Ela também conta que já passou 5 anos presa, já tem mais três, além dos outros 44 pra tirar no domiciliar. “É *complicado*”. O *complicado* que a entrevistada menciona se refere às práticas que desenvolve, por colocá-la na contravenção.

Ao perguntar a Maria o que pensa sobre o Alto do Louvor, ela respondeu da seguinte forma: “Mulher, o Alto do Louvor pra mim é tudo. Porque é daqui de onde tiramos o dinheiro da gente, né? Sem o Alto do Louvor eu acho que não sou ninguém.” De acordo com o relato, percebemos como é importante o papel que o lugar assume na vida dela. Não é um lugar qualquer, como pode ser considerado por outra pessoa, para ela tem um significado e mais do que isso, esse lugar possibilita que ela ganhe o seu sustento.

Antes de começar a frequentar o lugar, Maria relatou que já ouviu falar sobre as boates e as festanças que aconteciam à noite, mas que *não frequentava porque era casada*. Ela relatou que casou cedo, e teve um filho aos 12 anos de idade e outro aos 13, o que no começo não permitia que saísse de casa, pois tinha que cuidar dos filhos. Mas disse que logo se separou, “caiu no mundo e acabou vindo pra cá”. Maria teve três filhos, dois foram mortos e um está preso, chamou a atenção para o fato de que um foi morto no Alto do Louvor.

Ela narrou como a sua relação era estabelecida com as outras meninas “que é boa”, mas que a reclamação dela para com as outras é de que “elas são folgadas e não querem tomar banho e trocar de roupa”. Mas que não brigam muito porque elas a obedecem. Segundo Maria, “elas têm medo de mim porque eu sou danada, porque daqui acolá eu dava uma facada, nas antigas, antes de eu levar as cadeias, mas que com o passar do tempo

e devido à fama da minha família, do meu filho com o negócio de facção, elas têm medo de mim, mesmo brincando, sem nem querer fazer mal a elas”.

Podemos trazer aqui, a ideia de *campo social* de Bourdieu (2010),

um espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição actual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes: os agentes se distribuem-se assim nele, na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem e, na segunda dimensão, segundo a composição do seu capital – quer dizer, segundo o peso relativo das diferentes espécies no conjunto de suas posses (BOURDIEU, 2010, p. 135).

Maria deixa implícita que a sua posição entre as outras seria de um nível mais elevado. Ao que nos parece, coexiste entre elas uma hierarquia e Maria nessa hierarquia estaria no topo, já que é por elas considerada como “a chefona”. Porém, para ela isso não existe, mas ela entende o porquê das meninas a considerarem líder, pela fama da família, pela sua imposição e por ela ser a fornecedora dos produtos. “Eu não sou a patroa, mas eu digo a elas, mulher eu sou igual a vocês, ninguém é melhor do que ninguém aqui não”. Na fala, é perceptível a existência de hierarquias, e ela faz parecer consensual, assim como a busca pela atenção e respeito do outro, na verdade estes elementos compõem um ritual de sedução na construção de papéis sociais (ROCHA e ECKERT, [2003] 2015, p. 06).

E ela concluiu a entrevista dizendo que não se vê sem o Alto, que *já acorda doída pra ir, que acorda bem cedinho pra isso*. Maria disse que vai todos os dias para o Alto do Louvor, que passa o dia todo e que quando é hora de ir embora já fica triste. Ela disse que gosta do lugar porque nele conversa com outras pessoas e faz o dinheiro dela. “É arriscado, tá ligado, tem as urgências, a polícia, nesse mundo já morreu um bucado de gente”.

A contravenção e os aspectos morais são retratados de maneira mais acentuada pela interlocutora Liana, de 40 anos, natural de Pernambuco. Ela reside em Mossoró há muitos anos, mas não lembra especificamente quantos. Morando no bairro Paredões, com uma mulher, uma tia e com os dois filhos “e um bucado de gente”. Liana tem dois filhos. *Não estuda e nem trabalha*. Não tem ocupação. Logo, é importante observar que não trata a prostituição como algo que pertence à esfera ocupacional.

Quando perguntamos a Liana sobre como ela conheceu o Alto do Louvor, ela afirmou: “trouxeram eu pra cá”, tendo sido justamente a tia com quem ela reside que a levou, fazendo já alguns anos que frequenta o lugar. Quando chegou, o espaço já era

ocupado por outras pessoas, ela disse não conhecer o Alto do Louvor quando existia ainda os bares e cabarés, sabia apenas do Casarão, “que é onde as pessoas vão para ter relações sexuais”. Já que não é da cidade, disse só ter ouvido falar sobre festas que aconteciam no lugar, mas não sabia da veracidade do que lhe era dito.

Parker (1995), observando essas zonas morais no ambiente da cidade, ressalta que a sexualidade pode ser pensada mediante um espaço, numa organização social que revela distinção entre os mais diversos ambientes. A prática da prostituição na rua, certamente distingue este espaço dos demais e consolida a perspectiva do *pedaço* dentro de um circuito conhecido e circunscrito de aspectos morais, como fica claro na referência ao Casarão.

Sobre as práticas que Liana desenvolve no local, ela não quis falar, preferiu apenas responder “não sei”. Além de sofrer as batidas policiais, em busca das substâncias. Neste caso, o território da prostituição se expande ou se fragmenta em decorrência dos eventos, a exemplo das batidas policiais que dispersam as garotas.

A fala de Liana evidencia que mesmo as personagens estando imersas na rotina e movimento da rua, sentem-se constrangidas em falar sobre suas vivências no espaço.

No território da perversão, os movimentos de desterritorialização e reterritorialização são relativos. Há, permanentemente, mobilizações nos dois sentidos. Assim, desterritorialização a respeito da ordem familiar e do bairro, mas reterritorialização no circuito do mercado sexual; desterritorialização na abertura do corpo à perversão, mas reterritorialização na interdição do ânus e da boca, etc. A partir desta fluidez de base, o sistema é altamente instável. De alguma maneira, a proliferação e complexificação, especialização e “localismo” das nomenclaturas classificatórias, podem estar dando conta dessa dificuldade de “organizar a desordem” ou “sistematizar o acaso” (PERLONGHER, 2008, p. 250).

E em relação ao lugar e à sua relação com as outras meninas e pessoas que frequentam o mesmo espaço, Liana julga ser boa: “é boa nunca briguei com ninguém, às vezes tem umas birras, mas sempre respeitei todo mundo”. Ela disse adorar o lugar e que está todos os dias presente nele.

Por fim, falamos com Adriana, 35 anos de idade, natural de Mossoró e que morava no bairro Barrocas. Mas, que agora mora na rua, é “do meio do mundo”. Ela nos disse que passa a noite, às vezes, no Alto ou em outros lugares. Sobre a sua ocupação, ela falou que “faz programa” e que chegou ao Alto do Louvor justamente porque outras pessoas

tinham falado para ela que o lugar era bom para práticas, “que era um bom *galinheiro*”, termo que por ela foi usado, e que por isso resolveu começar a frequentar o lugar.

Ela informou não fazer muito tempo que frequenta o lugar e também não saber como ele foi ocupado, pois, quando chegou, já era frequentado por outras pessoas. Ela relatou não saber também sobre a real existência dos cabarés. Sabia apenas sobre o Casarão, já que é um dos lugares utilizados por ela para a realização de seus programas. Mas que já tinha ouvido falar que no passado havia na rua inúmeros cabarés, embora ela nunca os tenha visto, pois, quando chegou ao lugar, eles já não existiam. Ela falou ainda do bom lugar que é o Alto do Louvor para o desempenho da sua prática, o que lhe induziu para a escolha dele.

Adriana relata gostar do Alto do Louvor, que acha bom e que ama o lugar. Que gosta das pessoas que frequenta e por ser um espaço onde consegue realizar os seus programas e “conseguir uma grana”. Além disso, diz que tem uma boa relação com as outras meninas, que brigam, mas que gosta de todas elas e que todas são amigas e colegas. E essa é a mesma visão que ela diz passar do Alto do Louvor para outras pessoas, que é um lugar bom.

É notório esta relação com a memória das interlocutoras que transitam no *pedaço*, ora lembram das práticas e dos elementos simbólicos que representam o lugar, ora afastam para um lugar distante estas representações, tal como afirmam Rocha e Eckert ([2003] 2015, p.01) “em que se reconhece ou se constrange nas ruas que perambula, lugares que conhece ou desconhece, espaços que gosta ou desgosta, contextos que lhe atraem ou passam despercebidos.

Em relação à vizinhança, ela diz não ter tido, nunca, nenhum problema, “muitos falam com elas, outros passam e nem olham para elas.” Mas que nunca teve nenhum problema, que sempre respeitaram o seu espaço e que sempre respeitou o espaço dos outros. E quando perguntamos mais sobre a prática da prostituição, diz resoluta gostar do que faz, o que permite a ela o ganho de dinheiro, diz que no Alto consegue “descolar uma clientela, que não é todos os dias”. Mas está lá todos os dias.

O *pedaço* é enfatizado nas falas das interlocutoras como espaço de memória, de afetos, de relações econômicas e sociabilidade. A ideia de *sociação* pode ser evocada, uma vez que é realizada na medida em que o indivíduo abre-se em razão dos seus interesses para relacionar-se aos demais, diante das mais diversas possibilidades. Logo, a sociabilidade no Alto revela-se uma vez que estão convergindo para busca de interesses

específicos, que é o ganho de dinheiro, aliado a um sentimento que efetiva uma relação nestes momentos de interação jocosa entre elas (SIMMEL, 2006).

Os momentos das conversas, somente, não permitiram uma análise das vivências das mulheres que usam a rua para exercício da prostituição. A experiência no campo é de que elas utilizam o espaço do Alto do Louvor para realização de práticas como prostituição e venda de drogas, são mulheres que estão de cara para a rua, sem disfarces, sob os perigos que as envolvem. Evidenciando o ambiente complexo que mistura afetos, violências, desigualdades, medo, contravenção e carência.

Mediante as falas, podemos analisar alguns aspectos: vimos correlação nas faixas etárias das mulheres, entre 30 e 40 anos de idade, já são mulheres maduras; a escolaridade também sinaliza para o fato de não avançarem nos estudos e que têm a variável maternidade presente em suas vidas. Como essas mulheres têm uma ligação com a família, moram juntas, talvez o motivo pelo qual elas utilizem o Alto seja para ajudar no sustento da família, considerando o fato de serem mães e levando em conta que não praticam outras atividades, já que passam a maior parte do tempo no *pedaço*.

Todas mencionam um núcleo familiar que vivencia e desempenha as práticas que elas reproduzem. Como, por exemplo, Maria de Lourdes que já tinha a mãe envolvida com a venda de drogas e que frequentava os bares e os cabarés. A filha seguiu os passos da mãe na realização das atividades.

O mesmo ocorre com Liana, que mesmo não tendo muito conhecimento sobre Alto do Louvor, foi levada pela tia, e Adriana que também chegou por meio dos relatos de outras pessoas. Podemos constatar, então, que as mulheres foram levadas ao lugar a partir de terceiros ou a partir do que ouviam falar sobre ele. Por enxergar nele um meio no qual poderiam obter dinheiro, trabalhando nos bares, fazendo programas ou vendendo drogas.

Com essa observação, pudemos depreender que esse *pedaço* é um grande produtor de interações sociais, já que durante o dia essas mulheres estabelecem diferentes relações sociais com várias pessoas, de diferentes faixas etárias, funções e que provavelmente moram em bairros diferentes, e conseguem no Alto do Louvor, assim, compartilhar os mais diversos interesses, seja entre elas, seja com os moradores e/ou os clientes.

Cabe observar que a noção “nativa” de *pedaço*, inicialmente incorporada ao sistema de oposições construído para ordenar a multiplicidade de formas de lazer, mostrou-se de mais proveito, revelando-se “boa para pensar” a dinâmica no bairro. Assim, de mero termo no interior de um sistema de classificação

terminou assumindo o papel de categoria que descreve uma particular forma de sociabilidade e apropriação do espaço. (MAGNANI, 1996, p.14).

Simmel (2005, p.71, *grifos do autor*) afirma que “a sociabilidade demanda o tipo mais puro, claro e atraente de interação, aquela que se dá *entre iguais*”. A abrangência de círculos sociais no bairro sinaliza uma maneira de interação singular que permite aos indivíduos extrapolar relações, negociar sentidos e desejos de acordo com a sua satisfação e a do outro.

Assim, os interesses compartilhados pelos frequentadores do Alto do Louvor para a realização de um programa ou para o consumo de alguma droga, proporciona que ocorra entre eles, de forma conjunta, uma interação que busca a realização de tais interesses. E assim o *pedaço* é utilizado como palco dessas relações sociais de jogos e negociações, no qual as pessoas têm a possibilidade de satisfazerem os seus interesses individuais e coletivos, por isso buscam manter o local sobre controle para evitar maiores desavenças.

As mulheres que fazem uso do lugar tentam ter entre elas uma boa relação, apesar de já termos presenciado ao longo das observações alguns conflitos, observamos entre elas que algumas, principalmente as entrevistadas, se abstêm e procuram não se meter em confusões das outras meninas. Quando é causado o alarde, devido ao intenso movimento delas nas ruas, a polícia chega para acabar e dispersá-las, o que seria ruim para os negócios, elas teriam que parar com as vendas, podendo correr o risco de serem pegas com o porte de drogas.

Como as usuárias mantêm a ordem no “pedaço” diante de um campo transitório como esse? A forma utilizada por elas é através de uma hierarquia. Apesar de compartilharem praticamente as mesmas atividades, com a finalidade de ganhar dinheiro, existe a necessidade de uma forma de controle e de ordem, assim a *chefe* do grupo promove o bom funcionamento do lugar, possibilitando o ganho de lucros e evitando as presenças indesejáveis.

Desse modo, a referida líder estabelece uma relação com as outras meninas de forma muito amigável, utilizando da boa relação para fundamentar o seu papel dentro do grupo. As meninas também a chamam de *mãe*, como ouvimos diversas vezes. A noção de códigos de conduta proposta por Goffman (2004, p.95) compreende que se “fornecem ao indivíduo estigmatizado não só uma plataforma e uma política e não só instruções sobre como tratar os outros, mas também receitas para uma atitude apropriada em relação a seu ‘eu’”.

Neste campo existem disputas por diversos fatores, no caso das narrativas, pela hierarquia, embora essa seja apresentada de maneira desinteressada, assim os integrantes determinam ou são determinados pelas lutas por poder no campo. Quem define a chefia é quem dispõe de estratégias para dominar o campo, neste caso Maria de Lourdes, responsável por organizar o que ocorre na rua, como forma de diminuir os conflitos e gerar uma melhor convivência, e assim o seu lugar no poder é mantido. Estabelecendo as relações por meio dessa amizade, de confiança, ao tentar manter o cuidado sobre as meninas, consolida seu poder como alguém que fornece os meios para que elas consigam ganhar dinheiro naquele espaço, em resposta a isso elas a obedecem.

Bôas (2004) afirma que as interações ocorrem de acordo com o cotidiano por elas vivenciado, revelando a importância dos contextos. Este grupo de mulheres que ocupam o Alto do Louvor, que experienciam e interagem compartilhando os seus interesses com outras pessoas, elabora, de acordo com esse contexto, suas relações e práticas, as suas representações.

Uma vez que a construção [das representações] se dá na relação do sujeito com outro sujeito e com objetos. Neste processo, se desconstrói uma realidade que não é única nem específica, mas que é compartilhada pela comunicação de indivíduos interagentes. (BÔAS, 2004, p. 1).

A construção das *representações sociais* é um processo social que desvela como as pessoas se pensam e se representam dentro de uma dada realidade, ou seja, quais das suas práticas, símbolos e rituais utilizam para dar forma e sentido à sua vida em sociedade. E essa interação é que gera o significado do lugar e das práticas realizadas, são elas que constroem a imagem do espaço.

Observamos que as mulheres tentam manter uma boa relação entre elas justamente para que se possa evitar a presença das autoridades policiais no local. Como, por exemplo, brigas e confusões. Mesmo ocorrendo às vezes, elas tentam ao máximo evitar, como pudemos ouvir de uma delas enquanto acontecia uma discussão entre outras meninas: pediu que elas parassem para que as pessoas não chamassem a polícia.

Durante as observações, foi possível presenciar ocorrências policiais. A situação faz com que o lugar seja momentaneamente desocupado pelas mulheres, já que os policiais mandam-nas embora. Aqui novamente repousa a atmosfera da contravenção, do tabu e as estratégias de manutenção dessas práticas. Compreendemos isso como uma forma de manter o espaço organizado e sob o controle.

As usuárias ocupam um lugar no imaginário das pessoas, pois quando se fala no Alto do Louvor, o lugar é logo associado à presença delas e às práticas que realizam. O que faz com que exista um estigma tanto sobre elas, que são usuárias ocupantes do espaço, quanto sobre o lugar, devido às práticas nele realizadas, que são socialmente mal vistas.

Consideradas como transgressoras da moral e das leis dos bons costumes, não seguindo o que é considerado um *bom* comportamento socialmente estabelecido para as mulheres, elas têm dificuldades de integrar algumas instituições sociais, como igreja, escola, entre outras e até mesmo oportunizar espaços de trabalho. Elas ganham uma marca, “estigmatizam-se as prostitutas como as vilãs que atentam contra a família estruturada; são acusadas de colocar em risco a honra e os valores da sociedade” (ALVAREZ E RODRIGUES, 2001 p.187). Reforçando a concepção do preconceito e estigma que recai sobre essas mulheres, especialmente estas que estão nas ruas, revelando todos os dias as suas faces e práticas.

Podemos confirmar que isso ocorre ao reportar-nos aos relatos que as prostitutas não poderiam frequentar lugares como igrejas, cinemas e nem clubes de festa da cidade, a presença delas nesses ambientes públicos não era aceitável. Além disso, na sociedade mossoroense esse seria o ponto mais reprovável: o das prostitutas frequentando outros ambientes (BARRETO, 2011).

A questão que vale destacar é que a prostituição não está desconectada de diversas problemáticas sociais, a exemplo da educação, saúde e assistência social. Ressalta-se a importância de políticas públicas de amparo para estas mulheres, uma vez que são cidadãs e detentoras de direitos sociais.

Concluimos que as representações do *pedaço*, apresentadas de acordo com a perspectiva do jornal, fogem do “modelo bom” idealizado pela sociedade. Entretanto, as percepções elaboradas pelas usuárias em torno do lugar mostram o espaço como aprazível e é onde passam os dias, se relacionam com outras pessoas, conversam e ganham o seu dinheiro. É onde a vida delas acontece, e como uma delas relatou: “Mulher, o Alto do Louvor pra mim é tudo. Porque é daqui de onde tiramos o dinheiro da gente, né? Sem o Alto do Louvor eu acho que não sou ninguém”.

Considerações finais

As narrativas apresentadas neste artigo são formas de desvelar as histórias de vida dessas mulheres que atuam no Alto do Louvor, relacionando-as ao contexto histórico do

espaço, pois o lugar conhecido pela existência de comércios, como bares, boates e cabarés, em uma determinada época, hoje é conhecido pela presença das mulheres que o compõem. Elas representam o Alto do Louvor desde a época da boemia, circulando pelos estabelecimentos, atraindo os clientes, da mesma forma como acontece hoje, só que em um cenário diferente: a rua.

A presença delas fez e faz de alguma forma parte da história do Alto do Louvor, principalmente quando se procuram informações sobre a localidade via internet e jornais, esses elementos são sempre apresentados compondo a imagem e a narrativa reproduzida sobre o *pedaço*. Por trás dessa questão também existe o tabu que está envolvido na prática da prostituição e na sexualidade das mulheres que a praticam, pelo fato de a sociedade ter sobre as mulheres expectativas dos papéis de gênero que devem ser correspondidas socialmente. Ao não seguirem regras que são utilizadas como meio de controle sobre os seus corpos; são consideradas como desviantes. Dessa forma, o estigma existente sobre elas inviabiliza em alguns meios a discussão sobre este tema.

Identificamos algumas formas de organização hierárquicas existente entre as entrevistadas como forma de manter em ordem o lugar. Diante desse cenário, as representações elaboradas pelas usuárias têm o Alto do Louvor como um bom lugar, um espaço socializador, onde podem conseguir dinheiro, já que encontram pessoas com quem compartilham os mesmos interesses pelas suas atividades. Dessa forma, não se preocupam com o imaginário criado sobre elas e suas práticas, apenas preocupam-se em obter lucro.

Estudos como este propõem um olhar diferenciado para as pessoas que vivenciam a prostituição, não querendo romantizar e colocar estas mulheres como vítimas, mas mostrando que as questões socioeconômicas acabam interferindo sobre suas escolhas. E, assim, perceber que estas mulheres vão além de rótulos impostos socialmente, uma vez que estão imersas em cenários complexos. Além dos corpos que estão à venda, existem neles uma pessoa; a sociedade julgadora é paradoxal, exclui estas mulheres por suas práticas, mas as procura e faz reproduzirem o que julga errado.

Referências

ABREU, Fabiana Rodrigues de; RIBEIRO, Déborah Éllen de Matos. A imagem da mulher prostituta: uma constituição social histórica. *Teresina, Piauí*: [s. n.], 2019. Disponível em: <<https://www.uespi.br/site/wp-content/uploads/A-IMAGEM-DA-MULHER-PROSTITUTA-UMA-CONSTITUI%C3%87%C3%83O-SOCIALHIST%C3%93RICA.pdf>> Acesso em: 19. Jul. 2020.

ALVAREZ, Gabriel Omar; RODRIGUES, Marlene Teixeira. Prostitutas cidadãs: movimentos sociais e políticas de saúde na área de HIV/Aids. *Revista Ser Social*, Brasília, v. 1, n. 8, p. 97-127, 2001.

BARRETO, Sonni Lemos. *Espaços (mal)ditos: representações dos bordéis mossoroenses nas décadas de 1950 e 1960*. Natal: [s.n.], 2011. 36-146 p. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/16948/1/SonniLB_DISSERT.pdf>. Acesso em: 15. jul. 2019.

BENTO, Elbênia Neris DA SILVA. *E se a puta fosse você? O debate da prostituição feminina no brasil - entre autonomia e violência*. Mossoró: [s.n.], 2017. 15-138 p. Disponível em:<<http://propeg.uern.br/ppgssd/default.asp?item=ppgssd-dissertacoes>>. Acesso em: 18. Jul.2020.

BRASIL. Código Penal. *Artigo 229 do Decreto-lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940*. 2009a.

BRASIL. Código Penal. *Artigo 230 do Decreto-lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940*. 2009b.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. DF: Senado Federal: Centro de Documentação e Informação, 23 ed.2004.

BRITO, Raimundo Soares de. Páginas Arrancadas (memórias). *Fundação Vingt-un Rosado*, Coleção Mossoroense, Série C, Volume 1588, abril de 2010; Origem do arquivo fotográfico. Acesso em 10/01/2019.

BÔAS, Lúcia Pintor Santiso Villas. *Teoria das representações sociais e o conceito de emoção: diálogos possíveis entre Serge Moscovici e Humberto Maturana*. São Paulo: [s. n.], 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttextepid=S1414-69752004000200008>. Acesso em: 17. jul. 2020.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico/ Pierre Bourdieu: tradução Fernando Tomaz (português de Portugal)*. 13.^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

GIDDENS, Anhony. *Sociologia*. 4^o. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOFFMAN, Erving. *Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução: Mathias Lambert. 2004.

GOLDEMBERG, Mirian. *A arte de pesquisar*. Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 7-39, Abr. 1997. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131997000100001>>. Acesso em: 15. Maio. 2020.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia nas metrópoles. In: *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. José Guilherme Cantor Magnani e Lílian de Lucca Torres (orgs.). São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *A antropologia urbana e os desafios da metrópole*. São Paulo: [s.n.], 2003. 1 p. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702003000100005>. Acesso em: 10 jul. 2020.

MUYLAERT, C., SARUBBI Jr, V., GALLO, P., NETO, M., e Reis, A. (2014). Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista Da Escola De Enfermagem Da USP*, 48 (spe2), 184-189. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000800027>>. Acesso em: 19.jul. 2020

O MOSSOROENSE. Alto do Louvor em Mossoró. *Para uma historiografia da zona Mossoroense*. 11. Ago. 2017. Disponível: <<https://www.omossoense.com.br/alto-do-louvor-em-mossoro-para-uma-historiografia-da-zona-mossoense/>> Acesso em : 17. Jun.2020.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho Do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. *Revista De Antropologia* 39 (1), 13-37. 1996. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1996.111579>>. Acesso em: 17. jul. 2020.

PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões*. A cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Editora Best Seller. 1995.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê*. 2ªed. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

PONTES, Andrea Mello. O tabu do incesto e os olhares de Freud e Lévi-Strauss. *Universidad Complutense de Madrid – Espanha*. 2004. 1-8p. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/dezembro2013/sociologia_artigos/pontes_artigo.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2019.

ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. *RUA*, Campinas, SP, v. 9, n. 1, p. 101-127, [2003] 2015. DOI: 10.20396/rua.v9i1.8640752. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640752>. Acesso em: 15 nov. 2020.

ROCHA, Aristotelina. P. B. *Expansão urbana de Mossoró (1980 a 2004): geografia dinâmica e expansão do território*. Natal: EDUFRN, 2005.

SANTOS, Gabriel dos; OLIVEIRA, Adriana Vidal de. *Regulamentação da prostituição no brasil: analisando o problema da prostituição como forma de dominação masculina e a necessidade de garantir direitos às prostitutas*. [S.l.: s.n.], 2016. 1-15 p. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2016/relatorios_pdf/ccs/DIR/DIR-Gabriel_Santos.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2020.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). *Mana* [online]. Vol.11, n.2, pp. 577-591. ISSN 0104-9313. 2005.

SIMMEL, G. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

VASCONCELOS, José Gerardo; SANTOS, Verônica Gomes dos. *O corpo da prostituta: entre o discurso, a vida cotidiana e a educação*. Universidade Federal do Ceará: [s.n.], 2011. Disponível: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/24899>> Acesso em: 17. jul. 2020.

Recebido em 31 de julho de 2020

Aceito em 01 de fevereiro de 2021